

A indústria lapidária em Teotihuacan

Leila Maria França*

FRANÇA, L. A indústria lapidária em Teotihuacan. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, Suplemento 8: 217-223, 2009.

Resumo: Em Teotihuacan, a indústria lapidária era uma das mais importantes, já que teve um impacto considerável tanto no âmbito interno – na organização da produção bens de prestígio, na organização social e na manutenção da ideologia estatal – quanto no âmbito externo, nos contatos com outras regiões da Mesoamérica, com vistas à obtenção das matérias-primas importadas, mas pouco se sabe sobre suas condições reais de produção. Um estudo dos materiais arqueológicos elaborados em ardósia e jade revela a existência de dois tipos de oficinas, com o uso de diferentes tecnologias e formas de controle estatal.

Palavras-chave: Teotihuacan – Indústria lapidária – Mesoamérica – Ardósia – Jade

Nas sociedades mesoamericanas a indústria lapidária teve um papel fundamental no que se refere à vida ritual, social, além dos aspectos ligados à produção e circulação de materiais importados, destinados ao culto e à ornamentação das elites.

Em Teotihuacan, cidade do clássico mesoamericano (150-750 d.C.), a lapidária foi uma atividade estratégica na manutenção ideológica do Estado, bem como um dos fundamentos da dinâmica interna e da política externa que contribuiu grandemente no desenvolvimento da cidade como centro regional e na propagação de sua religião ao longo do território mesoamericano (Fig 1).

Existem, ainda, muitas dúvidas acerca da natureza do estado e da sociedade teotihuacana. O estudo dos materiais lapidários, para além da abordagem puramente tecnológica, é um instrumento importante na tentativa de esclarecer aspectos sociais e políticos, desde o ponto de vista de sua produção e distribuição, do controle do estado sobre as atividades artesanais, além da obtenção de matérias-primas importadas, tão

decisivas na expansão comercial e ideológica da cidade.

Os oficiais lapidários teotihuacanos trabalhavam a ardósia, as pedras verdes, a mica, o quartzo, o travertino, entre outras matérias-primas importadas, e em menor quantidade o jade (Turner 1992; Cabrera Cortés 1995). A partir do estudo desses materiais, tanto em sua forma, tecnologia, matéria-prima, quanto seu contexto de achado, alguns pesquisadores tem proposto que a indústria lapidária envolveria pelo menos dois tipos de produção: 1. oficinas “de bairro” e 2. oficinas “estatais” ou “especializadas”

A extensa população teotihuacana, que durante o apogeu teria alcançado até 150 mil habitantes, acomodava-se em conjuntos multifamiliares em função do parentesco ou ocupação. Estes conjuntos estavam organizados dentro de Bairros, os quais apresentavam características étnicas, ocupacionais ou sociais comuns. Além da função básica de moradia, os conjuntos residenciais compunham uma unidade de culto doméstico e também de produção. Investigações sistemáticas em vários conjuntos como La Ventilla, Tlajinga 33, Oztoyohualco, Teopancazco ou lugares como o “Bairro Oaxaqueño” ou o chamado “Bairro dos Comerciantes” indicam que dentro de tais conjuntos funcionavam oficinas de diversos

(*) Professora doutora, pesquisadora visitante no Instituto de Investigações Antropológicas da UNAM Universidade Nacional Autónoma do México.



Fig. 1. Vista parcial de Teotihuacan. Avenida dos Mortos e Pirâmide do Sol. Foto: Lucas França.

tipos de produtos e serviços necessários à vida dos habitantes da cidade. Aí se concentravam produtores de estuque, alfaiates, pedreiros, ceramistas, e entre os quais os lapidários responsáveis de adornos e pequenos objetos de culto para consumo próprio ou de elementos das camadas médias.

Por outro lado, durante o Teotihuacan Mapping Project, dirigido por René Millon, na década de 1960, foi identificada uma oficina a oeste da Pirâmide da Lua, onde se localizaram fragmentos de bases de ardósia para espelho de pirita. A partir deste dado, M. Turner propõe a existência em Teotihuacan de “oficinas estatais” ou “especializadas” provavelmente localizadas em áreas próximas aos grandes centros de culto, nas quais eram elaboradas joias destinadas à elite e objetos destinados aos cultos estatais realizados em espaços públicos tais como as Pirâmides do Sol e da Lua e o Templo de Quetzalcóatl (1992). Arqueologicamente, a existência dessas oficinas pode ser reconhecida na tecnologia empregada nos artefatos, por meio do que ela denomina

“*controlled technological style*” – um conjunto de características tecnológicas em que sobressai a estandarização (*idem*).

Apresentamos aqui dois desses materiais que temos estudado, os quais propomos que correspondem ao modelo das duas oficinas: a ardósia, material que cremos estar ligada às “oficinas bairro” e o jade, serpentina e outras pedras verdes que associamos ao tipo de oficinas estatais.

A ardósia

A ardósia é uma rocha sedimentar de coloração gris com tonalidades esverdeadas, avermelhadas e amareladas que foi muito empregada em Teotihuacan, especialmente em contextos funerários.

Não se sabe exatamente de onde provinha a ardósia trabalhada em Teotihuacan, mas os mapas geológicos da Mesoamérica indicam a sua presença em regiões relativamente próximas ao



Fig. 2. Figurinhas de ardósia. La Ventilla, Frente 2, Teotihuacan. Projeto Arqueológico La Ventilla 1992-94. Foto de Miguel Morales – INAH.

Vale do México, nos atuais Estados de Guerrero, Puebla, Oaxaca, Querétaro, Hidalgo, Chiapas, Tamaulipas e Michoacán (Cabrera Cortés 1995; López Juárez 2005), ou seja, que sua obtenção, em princípio não envolvia uma empreitada e investimentos demasiado pesados para o governo da cidade.

Trata-se de um material suave, cujas técnicas, apesar de relativamente especializadas, não exigiam grandes artifícios, resumindo-se em algumas etapas básicas de percussão, corte e acabamento algo rudimentar. Com ele se elaborava “lajinhas”, figuras antropomórficas (Fig. 2), figuras zoomórficas (Fig. 3), aplicações geométricas (quadradas, circulares, retangulares, triangulares e hexagonais) provavelmente usadas como incrustações em peças de vestuário ou ainda em edifícios – além de lâminas em forma de pétala ou “bico de ave”, muitas delas apresentando pinturas com iconografia de faixas vermelhas em vários tamanhos e disposições.

Em casos extraordinários eram usados discos com um espelho de pirita em mosaico aplicado em uma das faces, além de objetos circulares em forma de anel. Tais materiais eram depositados



Fig. 3. Excêntrico zoomórfico de ardósia. La ventilla, Teotihuacan. Foto: Miguel Morales - INAH.

como oferendas funerárias em enterramentos realizados, normalmente, em fossas abertas dentro do piso das residências e em casos excepcionais em altares ou plataformas construtivas.

A análise da iconografia dos objetos pintados de vermelho, com presença do glifo *chalchihuitl*, conhecido símbolo de vida e fertilidade, somado ao contexto funerário das peças, poderia indicar que se trata de uma representação do sangue na tentativa de preservar a força anímica dos mortos. Além disso, a iconografia, composta basicamente de listas vermelhas em vários tamanhos e disposições e presente em vários pontos da cidade, indica a possível existência de um sistema convencional de signos (López Juárez 2005).

Os discos, usados como base de espelhos eram objetos exclusivos para o uso de personagens de alto *status*, talvez sacerdotes ou militares, e cremos

que em contexto funerários os espelhos estariam ligados à noção de passagem para o outro mundo.

Os anéis eram exclusivos do chamado “Bairro dos Comerciantes” e provavelmente constituem um objeto de identidade do grupo, já que seus habitantes eram originários da Costa do Golfo e, como tais, usavam uma arquitetura de tipo circular, única em Teotihuacan.

A ardósia era encontrada em quase todos os pontos da cidade, sejam em estruturas públicas, residenciais, *Plazas* e também nas oficinas. Fragmentos, pré-formas e rejeitos de ardósia, associados aos de outros materiais como basalto, obsidiana, e outros materiais, em concentrações importantes têm sido localizados em vários pontos da cidade: “Bairro dos Comerciantes” Setor N3E5 (Turner 1992), La Ventilla (Gómez Chávez 2000), Tlajinga 33 (Widmer 1991) e nos chamados “Palácios” (residências de elite) Tetitla, Zacuala, Yahuahuala (López Juárez 2005), indicando que este era um material trabalhado, em nível de “Bairro”, juntamente a outras matérias-primas.

Como única exceção, os discos revelam uma tecnologia e o manejo de materiais mais restritos (no caso, a pirita) que, como vimos, deveriam estar a cargo das oficinas estatais (Fig. 4).



Fig. 4. Espelho de pirita com base de ardósia (*Texcacuitlapillis*). Conjunto 1D - Cidadela, Enterro 204-C. Proyecto Arqueológico Teotihuacan 1980-82. Foto Miguel Morales: INAH.

Jade e pedras verdes

Em Teotihuacan se trabalhava um volume importante de objetos de jade e pedra verde, já que esses materiais estiveram associados, em toda a área mesoamericana, ao simbolismo da água, a vegetação, o milho, a fertilidade e o renascimento – a grande temática propagada pela religião oficial teotihuacana (França 2005; Lange 1993; Tibón 1983).

Entre as várias pedras verdes, o jade (jadeíta e minerais associados) era a mais rara e apreciada e provinha de uma única região, o Vale do Rio Motagua na atual Guatemala. A serpentina e outras pedras verdes, como a fuchcita, anfíbolita, entre outras, poderiam provir principalmente das regiões dos atuais Estados de Guerrero, Puebla, Chiapas, Sinaloa, Tamaulipas (Cabrera Cortes 2005).

Deste material eram confeccionados adornos destinados exclusivamente à elite teotihuacana, como orelheiras (Fig. 5), narigueiras, pendentives (Fig. 6), colares de contas, incrustações dentárias



Fig. 5. Orelheiras de jadeíta em forma de flor de quatro pétalas ou “quincunce”, símbolo de Teotihuacan. Sem procedência. Foto: Miguel Morales-INAH.



Fig. 6. Pendentes de jadeíta em forma natural. Enterro 1. Totometla, Teotihuacan. Foto: Miguel Morales-INAH.

(Fig. 7) e de mosaicos e um sem-número de objetos rituais, entre os quais figuras antropomórficas, máscaras, figuras zoomórficas, recipientes, entre outras, incluindo ferramentas miniaturas (exemplares votivos) e outras em tamanho natural elaboradas, provavelmente, para uso funerário.

O trabalho do jade é um dos mais difíceis dentro da indústria lapidária, pois sua dureza, 6.5 a 7 dentro da escala Moh, impõe um conjunto de técnicas mais sofisticadas e especializadas que variavam desde a percussão, corte, perfuração aos vários tipos de desgaste com abrasão, brunidura e polimento que dava aos objetos um brilho característico. As demais pedras verdes variam em dureza, mas ainda assim o seu acabamento indica um repertório variado de técnicas semelhantes ao trabalho com o jade.

Tais materiais são encontrados quase exclusivamente em contextos estatais, geralmente rituais, como as Pirâmides do Sol e da Lua, ao longo da Avenida dos Mortos, no Templo de

Quetzalcóatl, no Conjunto de Xalla (um provável palácio) e no conjunto 1D, ao norte do mesmo templo, um suposto palácio destinado à camada sacerdotal dirigente, na Cidadela, além de enterramentos de pessoas distinguidas em outros pontos, mas em menores quantidades.

Nesses contextos, o jade e as pedras verdes apresentam um simbolismo de fertilidade, renascimento e preservação da vida, além da função básica de ornamentação da camada dirigente, sacerdotes e militares. Uma característica particular é que muitos objetos de jade e pedra verde apresentam pigmento vermelho. Para nós, trata-se da materialização do conceito *atl-tlachinolli* (água-fogo), que une os dois polos do Universo: um feminino, frio, escuro e subterrâneo, representado pela cor verde; e outro masculino, quente, luminoso e celestial, encarnado pelo vermelho, cor do sangue – união que representava a fertilidade máxima e a preservação da vida.

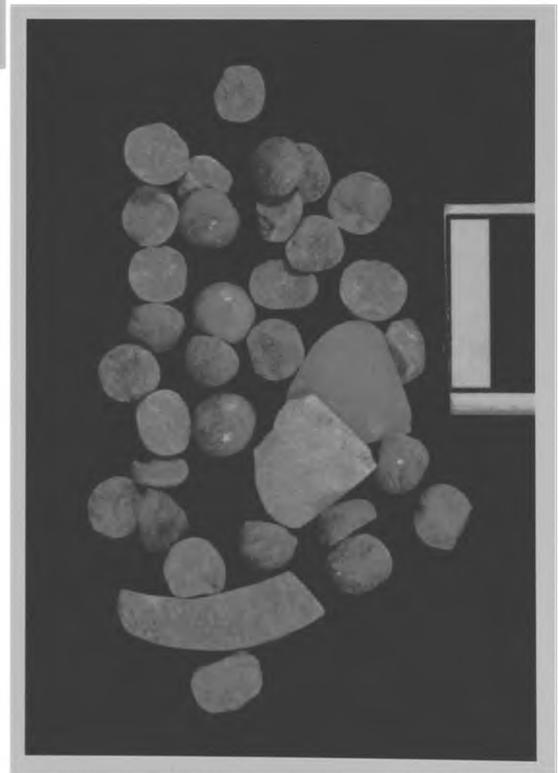


Fig. 7. Incrustações dentárias com pigmento vermelho associadas a esqueleto. Enterro 17, Salvamento Arqueológico Quartel Militar, Teotihuacan. Foto: Miguel Morales-INAH.

Para citar dois exemplos, ao longo da Avenida dos Mortos foram escavadas diversas máscaras (a maioria em pedra verde, algumas em diorita) que, segundo Anabeth Headrick, cobriam o rosto dos fardos funerários, as quais foram interpretadas como receptáculo das forças anímicas dos antepassados (1999). Seguindo a mesma ideia, no conjunto 1D, algumas figuras antropomórficas com características olmecas, apresentando em média 50cm foram intencionalmente quebradas durante os ataques dos moradores nos últimos dias da cidade e, originalmente, faziam parte dos altares da casa dos sacerdotes. Tais imagens – uma delas com vários orifícios nos quais deveriam estar incrustados pedras de jade, outras duas com discos de ardósia no peito – indicam claramente a sua função de esfinges como depósito das forças anímicas dos antepassados, nesse caso, os Olmecas (Jarquín 2002).

As oferendas dedicatórias do Templo de Quetzalcóatl exibem grande número de guerreiros sacrificados que traziam seus ornamentos, orelheiras, narigueiras e pendentes, alguns deles elaborados em jade e a maior parte em uma rocha metamórfica denominada fuchcita (Cabrera Cortes 1995; Sugiyama 1989).

O jade e as pedras verdes são dificilmente encontrados em oficinas de bairro. Em princípio, se supõe que por sua raridade, poderiam ser empregados até seus últimos fragmentos. Mas dada as condições específicas desses materiais, é muito possível que fossem objeto de trabalho em oficinas especializadas, como aquela identificada por Turner a oeste da Pirâmide da Lua. A partir da análise desses dois materiais, parece claro que estamos falando de dois níveis distintos de produção.

De um lado, temos a ardósia, um material relativamente acessível originário de diversas regiões da Mesoamérica, presente em diversos pontos da cidade, incluindo as “oficinas de bairro” fácil de trabalhar e que era empregado predominantemente dentro de um contexto simbólico “universal” e doméstico, que era o rito mortuário. Este conjunto de características parece indicar um controle estatal mínimo.

De outro lado, temos o jade e as pedras verdes. O jade proveniente de uma só região, muito distante do Altiplano Central mexicano, as demais pedras com uma possibilidade maior de obtenção, mas todas em menor quantidade na cidade, restrita praticamente a contextos estatais, envolvendo um repertório de técnicas muito mais

especializadas, sobretudo – o jade – com poucos rejeitos em oficinas de bairro, cujo simbolismo estava relacionado à religião oficial.

Parece óbvio que o controle estatal tanto na obtenção quanto na circulação desses dois materiais não era do mesmo tipo. Certamente, ambos requeriam alguma intervenção no que diz respeito à ocupação de regiões produtoras, ao envio de especialistas para sua extração e ao controle das rotas comerciais, mas no caso do jade, um material de mais alta relevância política e simbólica – e em menor escala das demais pedras verdes – tal controle certamente envolveu um grande investimento por parte do governo teotihuacano. A presença teotihuacana nas cidades maias como Tikal, Kaminalyúu e adjacências, comprovados arqueologicamente, podem ter sido relacionadas à obtenção de jade.

Um exemplo é o Bairro dos Comerciantes, um ponto relativamente humilde se comparados com outros Bairros ou conjuntos da cidade, no qual foi recuperado um enterramento (Enterro 5-8) com várias peças de jadeíta: um pendente circular elaborado em mosaico com base de ardósia e incrustação de concha *Spondylus princeps*, um fragmento de anel, um disco miniatura, dois objetos ovais, todos associados a um personagem feminino. Ora, tal oferenda não era comum dentro dos Bairros e a possível explicação é o acesso de seus ocupantes à região maia, de onde traziam grande quantidade de cerâmica maia em especial das Terras Baixas do Norte durante o Clássico Antigo, ou seja, entre 300 a 550 de nossa era (Ratray 1984).

A continuação das escavações em possíveis áreas de oficinas junto aos grandes centros de culto poderia confirmar esta interpretação. As escavações do conjunto *La Ventilla*, dirigidas pelo arqueólogo Sergio Gómez, relativamente distante das áreas centrais revelaram a presença de rejeitos de pedras verdes, o que poderia eventualmente trazer um componente novo no modelo proposto, no entanto, seus resultados ainda são preliminares. De qualquer maneira, cremos que os perfis dos materiais aqui mencionados apontam claramente para a existência de dois âmbitos de produção e de controle do estado sobre a indústria lapidária, assim como de sua importância em diferentes graus, é verdade, numa possível política de “enclave” que levou Teotihuacan a expandir-se e consolidar-se para além de suas fronteiras.

Agradecimentos

Meus agradecimentos à Ceramoteca da ZMAT- Zona de Monumentos Arqueológicos de Teotihuacan, ao INAH-Instituto Nacional de Antropología e Historia, à dra. Evelyn Rattray

(IIA-UNAM), diretora do Projeto “Bairro dos Comerciantes, Teotihuacan”, e ao fotógrafo Miguel Morales da ZMAT/INAH. O Presente trabalho foi realizado graças ao apoio do CNPq- Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.

FRANÇA, L. The lapidary industry in Teotihuacan. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, Suplemento 8: 217-223, 2009.

Abstract: In Teotihuacan, the lapidary industry was one of the most important, since it had a strong impact over the internal income of luxuries, social organization, ideological maintenance and external contacts to obtain imported raw material. Despite this relevance, however, we know very little about real production and its technical features. A study of slate and jade artifacts denotes the presence of two different kinds of workshops, using distinct technologies and degrees of political control.

Keywords: Teotihuacan – Lapidary industry – Mesoamerica – Slate – Jade

Referencias bibliográficas

- CABRERA CORTÉS, M. O.
1995 *La Lapidaria del Proyecto Templo de Quetzalcóatl 1988-1989*, México, ENAH.
- FRANÇA, L.
2005 *O monte das águas-queimadas: o simbolismo das oferendas no Templo Mayor de Tenochtitlan*. São Paulo, Tese de Doutorado, MAE/USP
- GÓMEZ, S.
2000 *La Ventilla. Un barrio de la antigua ciudad de Teotihuacan*. México. Tese de Licenciatura ENAH/INAH.
- HEADRICK, A.
1999 “The street of the dead...it really was’. In: *Ancient Mesoamerica*, 10: 69-85.
- JARQUÍN P, A.M.
2002 *El Conjunto Norte y Lado Este de la Ciudadela: análisis de contextos arqueológicos del Periodo Clásico desde la perspectiva de la Etnohistoria*. FFL/IIIF-UNAM, México.
- LÓPEZ JUÁREZ, J. M.
2005 *La Pizarra en la Antigua Ciudad de Teotihuacan. Tipología e Interpretación*. Tese de Licenciatura- ENAH. México.
- RATTRAY, E. C.
1984 ‘El Barrio de los Comerciantes en Teotihuacan’. In *Investigaciones Recientes en el Área Maya. XVII Mesa Redonda da Sociedad Mexicana de Antropología*. Tomo I, San Cristóbal de las Casas, Chiapas, junio 1981, 1984: 21-27.
- SUGIYAMA, S.
1989 Burials dedicated to the Old Temple of Quetzalcóatl at Teotihuacan, México’ In: *American Antiquity*, 54 (1): 95-106.
- TURNER, M.
1992 Style in Lapidary Technology: Identifying the Teotihuacan Lapidary Industry. In: Berlo, J. C. (Ed.) *Art, Ideology and the City of Teotihuacan*. Washington, D.C., Dumbarton Oaks: 89-112.
- WIDMER, R.
1991 Lapidary Craft Specialization at Teotihuacan. Implications for Community Structure at 33:S3W1 and Economic Organizations in the City. In: *Ancient Mesoamerica*, Spring 1991, 1(2): 131-147.

Recebido para publicação em setembro de 2007.